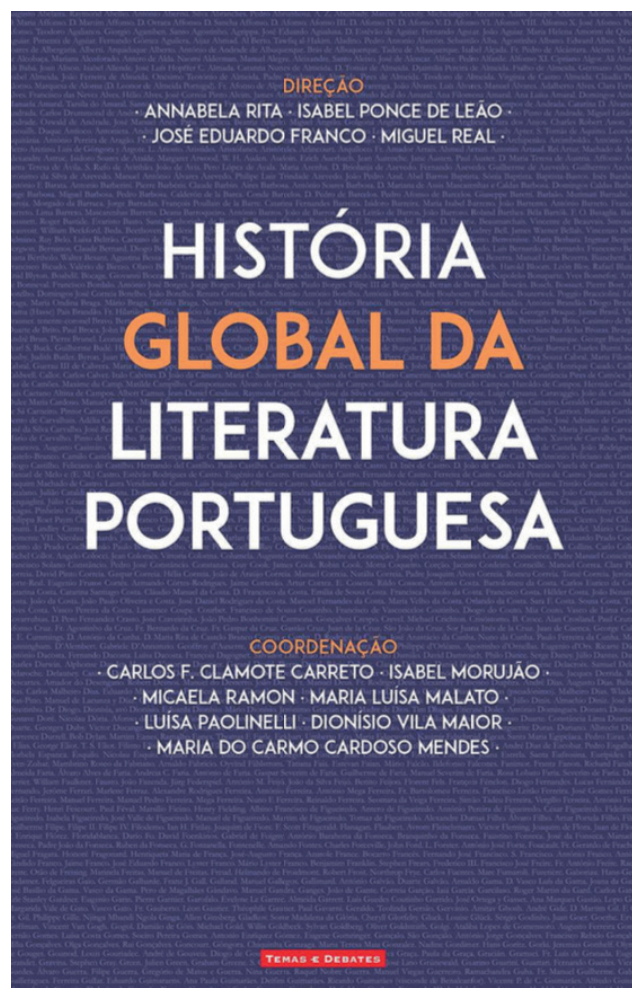


Franco, J., Ponce de Leão, I., Rita, A. e Real, M. (dirs.) (2024).
História global da literatura portuguesa. Temas e Debates. Lisboa. 720 pp.

ALBERTO MANGUEL¹



Possuo todas as qualificações para não fazer esta apresentação, que tão confiante e generosamente me convidaram a fazer. Possuo apenas um limitado conhecimento da língua portuguesa. Só um superficial conhecimento da vasta literatura escrita em português. Apenas um vislumbre da complexa história de Portugal e da sua aventurosa exploração do mundo. Vivo em Lisboa desde setembro de 2020, o que é, dificilmente, tempo suficiente para perceber a sua secreta cultura. Tendo feito esta óbvia confissão, devo depender do que vim a conhecer como a sempre presente cortesia portuguesa, e responder ao vosso convite da melhor maneira que consigo.

Confesso que o vosso projeto me atraiu imediatamente pela palavra «global» no título. As

==

¹ Escritor e ensaísta. Texto lido por acasão da sessão de apresentação da *História Global da Literatura Portuguesa*, em novembro de 2024, na Universidade Aberta. Tradução de Flor Filgueiras.

histórias de literatura nacionais tendem a soar, se não estridentemente gabadas, pelo menos crédulas na sua convicção de que (como comentava Plutarco ironicamente) «a lua de Atenas é melhor do que a lua de Esparta». Porque, se há algo que define a literatura, é a falta de fronteiras, políticas e geográficas. Gil Vicente é considerado pelos espanhóis um escritor espanhol e Dante é um dos poetas nacionais da Albânia. Quando Saul Bellow, numa tentativa de menosprezar as literaturas do continente africano, perguntou «Quem é o Tolstoi dos Zulus?», Wole Soyinka respondeu: «O Tolstoi dos Zulus é Tolstoi». Felizmente, os escritores não têm de mostrar os passaportes de cada vez que se sentam à secretária.

A minha atração pela palavra «global» explica-se em parte pela minha convicção de que nenhum escritor é singular. Os escritores são como árvores cujas raízes se estendem pela sua inteira biblioteca e cujos ramos carregam novas vozes alimentadas pelas suas palavras. Jovens escritores, que, com bastante razão, desprezam o abuso de metáforas, irão sem dúvida tratar a minha com desdém, mas não deixa de ser verdade que a floresta da literatura é mais bem compreendida como uma selva de vozes individuais em que nenhuma árvore, nenhuma voz, é absolutamente única. Felizmente, penso eu, a língua portuguesa tem pouca paciência para a originalidade só pela originalidade. Não tem a obsessão francesa de tentar a todo

o custo ser original, como se comprova pelo vocabulário de um Lacan ou Badiou.

A questão da identidade de uma língua é, acredito, importantíssima. Assumo que a palavra «portuguesa» no título desta obra não se refira à casualidade de um certificado de nascimento, mas sim à idiosincrasia essencial dada por uma língua nativa. Como todos sabemos, a língua que usamos, não importa quão imperfeitamente, molda os nossos pensamentos e, por isso, molda não só como dizemos algo mas determina também o que esse algo será. A língua é um prisma pelo qual vemos o mundo de uma determinada maneira, uma visão que é diferente, se falarmos árabe ou swahili, tão diferente como a visão concedida ao olho humano ou ao olho de uma vespa. Por exemplo, «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades» não pode ser dito em inglês porque, em português, o verbo reflexivo desdobra o Tempo e a Vontade sobre si mesmos, tomando um papel ao mesmo tempo passivo e ativo. Em inglês, possivelmente porque a Reforma decretou a brevidade e a precisão como as mais importantes virtudes linguísticas, talvez um conceito similar pudesse ser pensado como «Times change, desires change» — perdendo no processo o entrelaçamento dos significados «arbítrio» e «desejo», implícitos em «vontades», empobrecendo assim aquele profundo pensamento existencialista dos humanistas da Renascença. Shakespeare, em Inglaterra, foi levado a con-

ceber algo parecido quando escreveu da sua Cleópatra: «Time has not withered nor custom stale / her infinite variety», versos que têm um tipo de riqueza muito diferente. Talvez por isso Camões possa ser considerado um poeta português e Shakespeare um inglês. A sua língua, não o seu cordão umbilical ou a época do seu nascimento, é o fator que os define.

Datas são úteis, mas incertas convenções. A maioria dos historiadores da linguagem concorda que a consolidação daquilo a que chamamos língua portuguesa pode ser datada de 1536, quando Fernão de Oliveira publicou a sua *Gramática da linguagem portuguesa*. O português, em comparação com o chinês ou o hindi é uma língua jovem, mas (graças à *História global da literatura portuguesa*, por exemplo) podemos ver que as qualidades definidoras da língua portuguesa começam a aparecer e a enraizar-se muito mais cedo. Seria um exercício interessante tentar determinar algumas destas características primordiais da língua portuguesa presentes em épocas recentes, para descobrir as suas primeiras aparições na literatura. Pessoa, por exemplo, notou o desconforto da língua portuguesa com a ironia. Antero de Quental lamentou a sua relutância em quebrar com convenções passadas. Ana Hatherly mencionou a sua timidez para com o barroco. Eduardo Lourenço comentou o seu persistente e melancólico olhar interior. Eu não tenho nem o conhecimento nem o talento para empreender tamanha investigação,

mas pode ser que seja útil, de forma a dar aos escritores portugueses um reflexo mais verdadeiro das suas identidades.

A biblioteca que doe à Cidade de Lisboa, e que agora constitui o centro do futuro Espaço Atlântida, inclui uma razoável quantidade de livros em português. Comecei a ler literatura de língua portuguesa (em tradução, claro) muito antes de ter noção de uma literatura portuguesa. A criança que fui está para sempre grata a Monteiro Lobato e Sophia de Mello Breyner Andersen pelas suas mágicas histórias de aventuras. O leitor adolescente, a Eurico Veríssimo, pelo seu *Olhai os lírios do campo*, e a Eça de Queiroz por *O mandarim*. Mais tarde vieram João Guimarães Rosa, Machado de Assis, José Eduardo Agualusa, Mia Couto, Lobo Antunes, Agustina Bessa-Luís, José Saramago, Moacyr Scliar e muitos outros memoráveis. Não descobri Pessoa (*mea culpa, mea maxima culpa*) até ao fim dos anos 80, quando o romancista canadiano Graeme Gibson me recomendou o *Livro do desassossego*. E depois vim para Portugal. *Iniciação na literatura portuguesa*, de António José Saraiva, e recomendado pela minha amiga Joana Meirim, foi um guia esclarecedor.

O que me impressionou quando comecei a descobrir outros escritores aqui em Portugal foi a relutância que os portugueses têm em se exhibir. O português do Brasil é ligeiramente menos restringido, mas, no geral, como leitor,

senti (e ainda sinto) que conseguir que um português ou uma portuguesa elogiem ou insultem um escritor português é quase tão mau como pedir-lhes que sejam insultuosos para com um familiar ou convidado. Gide, quando lhe foi perguntado qual o melhor escritor francês, respondeu: «Hugo, *hélas*». Nenhum português se atreveria a responder: «Pessoa, infelizmente».

A *História global da literatura portuguesa* é também uma espécie de *Gradus ad Parnassum* para a Biblioteca Universal, iniciando um caminho que apenas alguns, poucos, escolhidos poderão tomar. Pedindo já perdão por recorrer agora à alegoria, sugiro que concebamos a Biblioteca Universal como um lugar visitado por dois, muito diferentes, leitores: a Justiça, que, como nos ensinaram os clássicos, é cega, e a Sorte, que, como declararam outros clássicos, é caprichosa e imprevisível. Na secção portuguesa da Biblioteca Universal, a Justiça não vê o suficiente para seleccionar sempre os autores certos, os que mais merecem reconhecimento e fama. A Sorte, no entanto, anda sem rumo entre as pilhas de livros, apanhando este ou aquele livro, guiada por uma capa peculiar, um título surpreendente, uma disposição par-

ticular. Na *História global da literatura portuguesa* encontramos, claro, a maior parte dos nomes esperados, assim como muitos outros que eu, na minha ignorância, não sabia existirem, mas há também alguns autores que se destacam saudosamente pela sua ausência. Nenhuma visão do mundo, nem uma verdadeiramente «global» como esta de mais de 700 páginas, pode aspirar à onisciência divina, e qualquer história da literatura, tal como qualquer biblioteca, está sempre acompanhada pela sombra daquilo que não inclui. A totalidade catequista, no mundo da literatura, é uma invenção imaginária e não permite aos leitores olhar entre as linhas e adicionar as suas próprias escolhas.

Quero terminar com uma palavra de agradecimento. A *História global da literatura portuguesa* é um trabalho colossal e magistral. Especialistas cuja profissão é «implicar», sem dúvida, encontrarão pequenos detalhes com os quais reclamar, mas, enquanto leitor comum, posso apenas expressar gratidão por ter nas mãos um guia tão essencial para o vasto, variado, introvertido e fundamental cosmos da literatura portuguesa.